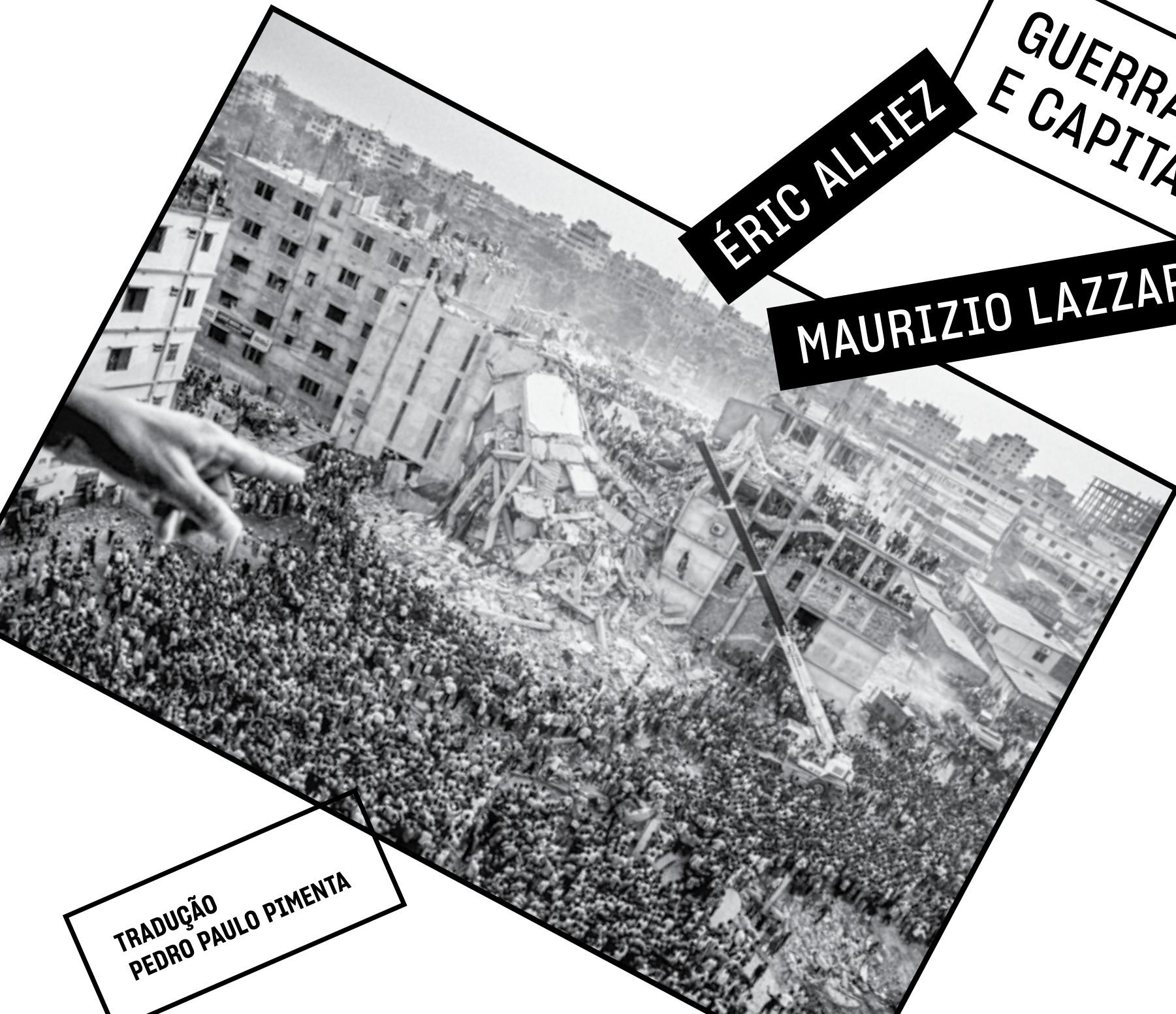


**GUERRAS
E CAPITAL**

ÉRIC ALLIEZ

MAURIZIO LAZZARATO



**TRADUÇÃO
PEDRO PAULO PIMENTA**

11	INTRODUÇÃO – AOS NOSSOS INIMIGOS	175	[9] AS GUERRAS TOTAIS
35	[1] ESTADO, MÁQUINA DE GUERRA, MOEDA	179	A guerra total como reversibilidade entre colonizações interna e externa
47	[2] ACUMULAÇÃO PRIMITIVA CONTÍNUA	190	A guerra total como guerra industrial
51	A guerra contra as mulheres	202	A guerra e a guerra civil contra o socialismo (e o comunismo)
55	Guerras de subjetividade e modelo majoritário	209	O paradoxo do biopoder
60	Liberalismo e colonização: o caso Locke	212	Máquina de guerra e generalização do direito de matar
70	Foucault e a acumulação primitiva	220	<i>Warfare e Welfare</i>
75	Genealogia colonial das disciplinas da biopolítica	230	Keynesianismo de guerra
78	O racismo e as guerras	237	[10] OS JOGOS ESTRATÉGICOS DA GUERRA FRIA
81	A guerra na e da economia-mundo	244	Cibernética da Guerra Fria
83	A acumulação primitiva em debate	252	A montagem da Guerra Fria
89	[3] APROPRIAÇÃO DA MÁQUINA DE GUERRA	258	A Detroit da Guerra Fria
90	O Estado da guerra	272	O outro lado do <i>American way of life</i>
97	Hábitos da guerra em Adam Smith	283	O <i>business</i> da Guerra Fria
103	[4] DUAS HISTÓRIAS DA REVOLUÇÃO FRANCESA	291	[11] CLAUSEWITZ E O PENSAMENTO 68
103	A Revolução Francesa de Clausewitz	295	Poder e guerra: distinção e reversibilidade
108	A revolução negra	305	A máquina de guerra de Deleuze e Guattari
115	[5] BIOPOLÍTICAS DA GUERRA CIVIL PERMANENTE	315	[12] AS GUERRAS FRACTAIS DO CAPITAL
115	Sequestro temporal da classe operária (e da sociedade como um todo)	320	O executivo como dispositivo “político-militar”
121	Formação da célula familiar	327	A realização da máquina de guerra do Capital
128	O adestramento subjetivo não é ideológico	334	As guerras no seio das populações
133	[6] A NOVA GUERRA COLONIAL	364	O marxismo heterodoxo e a guerra
145	[7] LIMITES DO LIBERALISMO DE FOUCAULT	371	A guerra do Antropoceno (ainda) não começou
163	[8] O PRIMADO DA APROPRIAÇÃO: ENTRE SCHMITT E LÊNIN	393	Máquinas de guerra
		425	POSFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA <i>Yasmin Teixeira</i>
		439	Agradecimentos
		441	Sobre os autores

- 1** Vivemos o tempo da subjetivação das guerras civis. Não saímos da era do triunfo do mercado, da automatização das governamentalidades e da despolitização da economia da dívida para recuperar a época das “concepções de mundo” e dos confrontos abertos: esta é a era das novas máquinas de guerra.
- 2** O capitalismo e o liberalismo trouxeram em seu bojo as guerras como as nuvens trazem a tempestade. Se a especulação financeira que se intensificou do fim do século XIX ao início do XX levou à guerra total e à Revolução Russa, à crise de 1929 e às guerras civis europeias, a expansão contemporânea da financeirização pilota uma guerra civil global e dita as suas polarizações.
- 3** A partir de 2011, as múltiplas formas de subjetivação das guerras civis modificaram profundamente tanto a semiologia do capital como a pragmática das lutas que se opõem aos mil poderes da guerra como quadro permanente da vida. Do lado da experimentação com máquinas anticapitalistas, Occupy Wall Street nos Estados Unidos, os Indigna-

dos na Espanha, as lutas estudantis no Chile e no Quebec, bem como a Grécia de 2015, batem-se com armas desiguais contra a economia da dívida e as políticas de austeridade. Por toda parte no Sul, as primaveras árabes, as jornadas de junho de 2013 no Brasil e os confrontos do parque Gezi em Istambul, na Turquia, puseram em circulação as mesmas palavras de ordem e de desordem. A *Nuit Debout*, na França, é o episódio mais recente de um ciclo de lutas e ocupações que provavelmente teve início na praça Paz Celestial em 1989. Do lado do poder, o neoliberalismo incita o fogo de suas políticas econômicas predatórias fomentando uma pós-democracia autoritária e policalesca, gerenciada por técnicas de mercado, enquanto as novas direitas (ditas “direitas duras”) declaram guerra ao estrangeiro, ao imigrante, ao muçulmano e aos *underclass*, para benefício das diversas extremas direitas, devidamente “desdemonizadas”. Estas, por sua vez, tratam de se instalar abertamente num terreno de guerras civis ditadas pelos seus imperativos de subjetivação, relançando a *guerra racial de classes*. A hegemonia neofascista sobre os processos de subjetivação é confirmada também pela retomada da guerra à autonomia das mulheres e à emancipação sexual (na França, a “*Manif pour tous*” [Manifestação para todos]), *extensões do domínio endocolonial da guerra civil*.

À era da desterritorialização irrestrita de Thatcher e Reagan sucedeu-se, com Trump – que não hesitou em tomar a frente dos novos fascismos –, uma redefinição territorial de caráter racista, nacionalista, machista e xenófobo. O *American Dream* virou o pesadelo de um planeta insone.

- 4 Existe um desequilíbrio óbvio entre, de um lado, as máquinas de guerra do Capital e os novos fascismos e, de outro, as lutas multiformes contra o sistema-mundo do novo capitalismo. Desequilíbrio político, mas também *intelectual*. Este livro se detém num vazio, num branco, num refluxo teórico e prático que diz respeito a dois conceitos que se encontram no âmago da potência e impotência dos

movimentos revolucionários: o conceito de “guerra” e o de “guerra civil”.

- 5 “É como uma guerra”, ouvia-se em Atenas no fim de semana de 11 e 12 de julho de 2015. E com razão. A população se vira de súbito confrontada por uma estratégia de guerra a longo prazo e em grande escala, travada por meio da administração da dívida do país. Nela estavam em jogo a destruição da Grécia e, potencialmente, no mesmo golpe, a ruína do “edifício europeu”. O objetivo da Comissão Europeia, do Banco Central Europeu e do FMI nunca foi a mediação ou a busca por um meio termo, mas a derrota do adversário, em campanha arrasadora.

A expressão “é como uma guerra” deveria ser substituída por *é de fato uma guerra*. A reversibilidade entre guerra e economia está no fundamento do capitalismo. Há algum tempo, Carl Schmitt pôs a nu a hipocrisia “pacifista” do liberalismo, reestabelecendo a continuidade entre a economia e a guerra: a economia persegue fins de guerra por outros meios (“o bloqueio do crédito, o embargo de matérias-primas, a desvalorização da moeda estrangeira”).

Dois oficiais de alto escalão da aeronáutica chinesa, Qiao Liang e Wang Xiangsui, definiram as ofensivas financeiras como “guerras não sangrentas”, tão cruéis e eficazes como as “sangrentas”: uma violência *fria*. O resultado da globalização, eles dizem, “é que, diminuindo o espaço do campo de batalha em sentido estrito, [ela transformou] o mundo num campo de batalha em sentido amplo”. A ampliação da guerra e a multiplicação dos nomes de seu domínio estabeleceram um contínuo entre guerra, economia e política. Desde os primórdios, porém, o liberalismo é uma *filosofia da guerra total*.

(O papa Francisco parece pregar no deserto quando afirma, com uma lucidez que falta aos políticos, aos analistas e mesmo aos críticos mais contundentes do capitalismo, que, “quando falo em guerra, falo de uma guerra de fato, não de guerra religiosa, mas de uma *guerra mundial fragmentada em mil partes*. [...] É a guerra pelo lucro,

pelo dinheiro, pelos recursos naturais, pela dominação dos povos”.)

- 6 Também em 2015, na noite de 13 de novembro, alguns meses após a derrota da esquerda dita “radical” na Grécia, François Hollande, presidente da França, declarou que a República estava “em guerra” e decretou estado de emergência. A lei que o autorizava a fazê-lo, suspendendo as “liberdades democráticas” e dando poderes “extraordinários” aos órgãos de segurança pública, fora votada em 1955, durante a guerra colonial da Argélia. Aplicada em 1984 à Nova Caledônia e novamente em 2005, por ocasião dos “tumultos das periferias”, a lei do estado de emergência trouxe para o centro da arena as guerras colonial e pós-colonial.

O que aconteceu em Paris em uma triste noite de novembro [de 2015, por ocasião dos atentados], acontece todos os dias nas cidades do Oriente Médio: é o horror do qual tentam escapar milhões de refugiados que “inundam” a Europa. Veio à tona então a mais antiga das técnicas colonialistas de regulação dos movimentos migratórios, dessa vez como extensão “apocalíptica” das infundáveis guerras lançadas em 2002 pelo fundamentalista cristão George Bush e por seu estado-maior de neoconservadores. A guerra neocolonial já não se desenrola apenas nas “periferias” do mundo – ela perpassa o seu “centro”, apropriando-se das figuras do “inimigo interno islamista”, o imigrante, o refugiado, o migrante. Sem esquecer dos eternamente entregues à própria sorte: os pobres e os trabalhadores empobrecidos, os precários, os desempregados de longa duração e os “endocolonizados” de ambos os lados do Atlântico...

- 7 O “pacto de estabilidade” (o estado de emergência “financeira” na Grécia) e o “pacto de segurança” (o estado de emergência “política” na França) são os dois lados da mesma moeda. Desestruturando e reestruturando continuamente a economia-mundo, os fluxos de crédito e de

guerra oferecem, juntamente com os Estados que os *integram*, as condições de existência, de produção e reprodução do capitalismo contemporâneo.

A moeda e a guerra são os elementos que constituem a polícia militar do mercado mundial, ou da dita “governança” da economia-mundo. Na Europa, ela é encarnada pelo estado de emergência financeira, que reduz a nada os direitos do trabalho e da seguridade social (saúde, educação, habitação etc.), enquanto o estado de emergência antiterrorista suspende os já exíguos direitos “democráticos” dessa mesma população.

- 8 Nossa primeira tese é de que a guerra, a moeda e o Estado são as forças constitutivas ou constituintes, ou seja, ontológicas, do capitalismo. A crítica da economia política é insuficiente na medida em que a economia não substitui a guerra, apenas a prolonga por outros meios, que passam necessariamente pelo Estado: a regulação da moeda e o monopólio legítimo da força, na guerra interna e na externa. Para realizar a genealogia do capitalismo e reconstituir o seu “desenvolvimento”, urge conjugar a crítica da economia política a uma crítica da guerra e a uma crítica do Estado.

A concentração e monopolização dos títulos de propriedade pelo Capital e a concentração e monopolização da força pelo Estado são processos que se alimentam reciprocamente. Sem o exercício da guerra no exterior e o fomento da guerra civil no interior das fronteiras do Estado, o capital jamais poderia se constituir. E também o inverso: sem a captura e a valorização da riqueza operada pelo capital, o Estado jamais poderia exercer as funções administrativa, jurídica e de governamentalidade, nem organizar exércitos cada vez mais poderosos. A expropriação dos meios de produção e a apropriação dos meios de exercício da força são as condições da formação do Capital e da constituição do Estado, que se desenvolvem paralelamente. A proletarização militar acompanha a proletarização industrial.

9 Mas de que “guerra” se trata, afinal? Seria o conceito de “guerra civil mundial”, desenvolvido quase ao mesmo tempo por Carl Schmitt e por Hannah Arendt no início dos anos 1960, que se impõe como sua forma mais pertinente depois da Guerra Fria? Seriam as categorias de “guerra infinita”, “guerra justa” e “guerra contra o terror” as mais adequadas aos novos conflitos surgidos com a globalização? Seria possível retomar o sintagma “a guerra” sem assumir com isso o ponto de vista do Estado?

A história do capitalismo é perpassada e constituída desde os primórdios por uma multidão de guerras de classe, de raça, de sexo,¹ de subjetividade e de civilização. *As guerras*, e não *a guerra*: eis a nossa segunda tese. As “guerras” como fundamento das ordens interna e externa, como princípio de organização da sociedade; as guerras, não somente de classe, mas também militares, civis, de sexo, de raça, a tal ponto integrantes da definição do Capital que, para dar conta da dinâmica delas em seu funcionamento real, seria preciso reescrever o livro de Marx do começo ao fim. Nas reviravoltas mais importantes do capitalismo, encontra-se não tanto a “destruição criadora” de Schumpeter, promovida pela inovação empresarial, mas o empreendedorismo das guerras civis.

10 Desde 1492, o ano 1 do Capital, a formação de capital se dá por meio dessa multiplicidade de guerras em ambos os lados do Atlântico. A colonização interna (Europa) e a colonização externa (Américas) ocorrem paralelamente,

1 Utilizamos de maneira intercambiável as expressões “guerra contra as mulheres”, “guerra entre os sexos” e “guerra de gêneros”. Sem entrar no debate feminista, diremos apenas que os conceitos de “mulher”, “sexo” e “gênero” (como, de resto, o de “raça”) não remetem a essências, mas à construção política da heterossexualidade e do patriarcado como norma social de controle da procriação, da sexualidade e da reprodução da população, tendo em sua base a célula familiar. Trata-se de uma guerra ininterrupta, conduzida contra as mulheres com o intuito de submetê-las a processos de sujeição, dominação e exploração.

se reforçam mutuamente e juntas definem a economia-mundo. Essa dupla colonização é o que Marx chama de acumulação primitiva. Mas, à diferença, se não de Marx, ao menos de certo marxismo predominante, não restringimos a acumulação primitiva a uma simples fase do desenvolvimento do capital, a ser ultrapassada a partir do “modo de produção específico” do capitalismo. Consideramos que ela constitui um modo de existência que acompanha incessantemente o desenvolvimento do capital, de maneira que, se a acumulação primitiva se prolonga em todas as formas de expropriação da acumulação contínua, segue-se que *as guerras* de classe, de raça, de sexo e de subjetividade *não têm fim*. A combinação entre elas durante a acumulação primitiva – em especial as guerras contra os pobres e as mulheres, na colonização interna da Europa, e as guerras contra os povos “primitivos”, na colonização externa da América – precedeu e engendrou as “lutas de classes” dos séculos XIX e XX, projetando-as numa guerra comum contra a *pacificação produtiva*. Pois tal pacificação, obtida ou não por meios sangrentos, é a finalidade da guerra do capital como relação social.

11 “Por se concentrar exclusivamente na relação entre capitalismo e industrialismo, Marx acaba não dando atenção aos estreitos laços entre esses fenômenos e o militarismo.” A guerra e a corrida armamentista têm sido, desde os primórdios do capitalismo, as condições do desenvolvimento econômico e da inovação tecnológica e científica. Cada etapa do desenvolvimento do capital inventa seu próprio “keynesianismo de guerra”. O único defeito dessa tese, enunciada por Giovanni Arrighi, é se limitar à guerra entre os Estados e acabar “não dando atenção aos estreitos laços” que o Capital, a tecnologia e a ciência têm com *as guerras civis*. Um coronel do exército francês resume as funções econômicas dessa espécie de guerra: “Somos produtores como quaisquer outros”. Revela, assim, um dos aspectos mais inquietantes do

conceito de produção e de trabalho, que os economistas, os sindicatos e os marxistas enrustidos cuidadosamente evitam tematizar.

- 12** A força estratégica da desestruturação/reestruturação da economia-mundo é, desde a acumulação primitiva, o Capital em sua forma mais desterritorializada; referimo-nos, é claro, ao Capital financeiro (é preciso designá-lo como tal, sem rodeios). Foucault critica a concepção marxiana do Capital porque nunca teria existido o capitalismo, apenas “um conjunto político-institucional” historicamente qualificado (argumento destinado a um sucesso retumbante).

Embora Marx nunca tenha efetivamente utilizado o conceito de capitalismo, deve-se conservar, mesmo assim, a distinção entre este último e o Capital, pois *sua* lógica, a do capital financeiro (D–D') é (sempre historicamente) a mais operacional. As “crises financeiras” mostram a sua operação, mesmo nas performances pós-críticas mais “inovadoras”. A multiplicidade das formas de Estado e das organizações de poder transnacionais, a pluralidade de conjuntos político-institucionais que definem a variedade de “capitalismos” nacionais, são violentamente centralizadas, subordinadas e comandadas pelo Capital financeiro globalizado em sua finalidade de “crescimento”. A multiplicidade das formações de poder dobra-se, de maneira mais ou menos dócil (mais para mais do que para menos), à lógica da propriedade mais abstrata, dos credores. O Capital, com *sua* lógica (D–D') de reconfiguração planetária do espaço pela aceleração constante do tempo, é uma categoria histórica, uma “abstração real”, diria Marx, que produz os efeitos bastante reais de privatização universal da Terra, dos “humanos” e dos “não humanos”, e de privação generalizada dos “comuns” do mundo. (Lembremo-nos da apropriação de terras – *land grabbing* –, consequência direta da “crise alimentar” de 2007–08 e uma das estratégias de *saída da crise*, da “*worst financial crisis in global history*”). Por essa razão empregamos o conceito “histórico-trans-

cidental” de Capital (com letra maiúscula sempre que possível), descrevendo-o em sua longa marcha de colonização sistemática do mundo, da qual ele é, no longo prazo, o único agente.

- 13** Por que o desenvolvimento do capitalismo não passa pelas cidades, que por tanto tempo serviram como seus vetores, mas pelo Estado? É porque apenas o Estado, nos séculos XVI, XVII e XVIII, teve condições de realizar a expropriação/apropriação das inúmeras máquinas de guerra da época feudal (voltadas para guerras “privadas”), centralizando-as e institucionalizando-as numa máquina de guerra transformada em exército, no qual repousa o legítimo monopólio do uso da força pública. A divisão do trabalho não opera apenas na produção, ocorre também na especialização da guerra e do ofício de soldado. Se a centralização e o exercício da força num “exército regular” são obra do Estado, também o são as condições de acumulação de “riquezas” pelas nações “ricas e civilizadas” (Adam Smith) às custas das nações pobres – que, no fundo, não são nações, mas *waste lands* (*Locke in Wasteland*).²
- 14** A constituição do Estado em “megamáquina” de poder depende, portanto, da captura dos meios de exercício da força, de sua centralização e institucionalização. Mas, a partir dos anos 1870, e sobretudo sob a pressão da brutal aceleração imposta pela “guerra total” em 1914, o Capital não mais se contentou com uma relação de aliança com o Estado e sua máquina de guerra. Começou a se apropriar dela *diretamente*, integrando-a a seus instrumentos de polarização. A construção dessa nova máquina de guerra

² Os autores propõem aqui um trocadilho envolvendo o conceito lockiano de *wasteland* – terra estéril, por oposição a terra fértil e, logo, cultivável – e o título do célebre poema de T. S. Eliot, “The Waste Land”, que Ivan Junqueira verteu por “A terra desolada”. O sentido ficará mais claro a partir do comentário sobre Locke no capítulo 2. [N. T.]

SOBRE OS AUTORES

ÉRIC ALLIEZ nasceu em Paris, em 1957. Graduou-se em filosofia em 1977 pela Universidade Paris 4 Sorbonne, onde, no ano seguinte, também defendeu o mestrado. Em 1987, concluiu o *Doctorat d'État* sob orientação de Gilles Deleuze na Universidade Paris 8 Vincennes-Saint-Denis. De 1988 a 1996, foi professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e coordenador do Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares que ele ajudou a criar, e da coleção *Trans* (Editora 34). De 1999 a 2011, lecionou em diversas instituições acadêmicas, como no Goldsmiths College, da Universidade de Londres (2003), e na Hochschule für Gestaltung, em Karlsruhe. Entre 2000 e 2007, foi editor da revista *Multitudes*, da qual foi um dos fundadores. Atuou como diretor de pesquisa na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris, durante 2002 e 2003. Desde 2010, atua como professor titular da Cátedra “Philosophie et Créations Contemporaines en Art” no departamento de Filosofia da Universidade Paris 8 e no Centre for Research in Modern European Philosophy (CRMEP), da Universidade de Kingston.

Obras selecionadas

Les Temps capitaux 1: récits de la conquête du temps. Paris: Éditions du Cerf, 1991.

La Signature du monde, ou, qu'est-ce que la philosophie de Deleuze et Guattari?. Paris: Éditions du Cerf, 1993. [Ed. bras.: *A assinatura do mundo: o que é a filosofia de Deleuze e Guat-*

- tari*, trad. Maria Helena Rouanet e Bluma Villar. São Paulo: Editora 34, 1994.]
- De l'impossibilité de la phénoménologie: sur la philosophie française contemporaine*. Paris: Vrin, 1995. [Ed. bras.: *Da impossibilidade da fenomenologia: sobre a filosofia francesa contemporânea*, trad. Raquel de Almeida Prado e Bento Prado Jr. São Paulo: Editora 34, 1996.]
- Deleuze, philosophie virtuelle*. Paris: Synthélabo, 1996. [Ed. bras.: *Deleuze, filosofia virtual*, trad. Heloisa B. S. Rocha. São Paulo: Editora 34, 1996.]
- Les Temps capitaux II: la capitale du temps 1 – l'état des choses*. Paris: Éditions du Cerf, 1999.
- Capitalism and Schizophrenia and Consensus: of Relational Aesthetics*. Istanbul: Baglam, 2010.
- Undoing the Image I: Body without Organs, Body without Image*. Cambridge: MIT Press, 2017.
- Undoing the Image II: Becoming-Matisse*. Cambridge, MA: MIT Press, 2019.
- Undoing the Image III: Duchamp Looked at (from the Other Side)*. Cambridge: MIT Press, 2021.
- Undoing the Image IV: Three Entries in the Form of Escape Diagrams*. Cambridge: MIT Press, 2021.
- Gilles Deleuze: une vie philosophique*. Paris: Synthélabo, 1998. [Ed. bras.: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*, trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2000.]

MAURIZIO LAZZARATO nasceu na Itália, em 1955. Durante a década de 1970, enquanto estudava ciências políticas pela Universidade de Pádua, participou ativamente da Autonomia Operaia, movimento autonomista italiano. Com o acirramento da perseguição política, exilou-se em Paris, França, em 1982, onde passou a viver desde então. Em 1996, defendeu o doutorado sob orientação de Jean-Marie Vincent na Universidade Paris 8 Vincennes-Saint-Denis. Em 1999, apresentou o projeto *io_dencies//lavoro immateriale* na Bienal de Veneza com o coletivo Knowbotic. Com Éric Alliez, foi editor da revista *Multitudes*, da qual foi um dos fundadores em 2000. Desde 2017 é pesquisador associado ao grupo multidisciplinar Matisse (acrônimo para “MATerials, InterfAcies, SurFACES, EnvironmEnt”) [materiais, interfaces, superfícies, ambiente]], vinculado à CNRS / Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne, e membro do Collège International de Philosophie, em Paris.

Obras selecionadas

- Videofilosofia: la percezione del tempo nel postfordismo*. Roma: Manifestolibri, 1996.
- (com Antonio Negri) *Lavoro immateriale: forme di vita e produzione di soggettività*. Verona: Ombre Corte, 1997. [Ed. bras.: *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*, trad. Monica de Jesus Cesar. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.]
- Puissances de l'invention: la psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond, 2002.

- Les Révolutions du capitalisme*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond, 2004. [Ed. bras.: *As revoluções do capitalismo*, trad. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.]
- Le Gouvernement des inégalités: critique de l'insécurité néolibérale*. Paris: Amsterdam, 2008. [Ed. bras.: *O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal*, trad. Renato Abramowicz Santos. São Carlos: Edufscar, 2011.]
- La Fabrique de l'homme endetté: essai sur la condition néolibérale*. Paris: Amsterdam, 2011. [Ed. bras.: *O governo do homem endividado*, trad. Daniel P. P. da Costa. São Paulo: n-1 edições, 2017.]
- Marcel Duchamp et le refus du travail*. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2014. [Ed. bras.: *Marcel Duchamp e a recusa ao trabalho*, trad. Gustavo Gumiero. São Paulo: Scortecci Editora, 2017.]
- Signs and Machines: Capitalism and the Production of Subjectivity*, trad. Joshua David Jordan. Cambridge: MIT Press, 2014. [Ed. bras.: *Signos, máquinas, subjetividades*, trad. Paulo Oneto e Hor-tencia Lencastre. São Paulo: n-1 edições/Edições Sesc, 2014.]
- Gouverner par la dette*. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2014.
- Le Capital déteste tout le monde: fascisme ou révolution*. Paris: Amsterdam, 2019. [Ed. bras.: *Fascismo ou revolução?: o neoliberalismo em chave estratégica*, trad. Takashi Wakamatsu e Fernando Scheibe. São Paulo: n-1 edições, 2019.]

COORDENAÇÃO Vladimir Safatle

Em um momento no qual revoluções se faziam sentir nos campos da política, das artes, da clínica e da filosofia, André Breton nos lembrava como havia convulsões que tinham a força de fazer desabar nossas categorias e limites, de produzir junções que indicavam novos mundos a habitar: “A beleza convulsiva será erótico-velada, explosante-fixa, mágico-circunstantial, ou não existirá”. Tal lembrança nunca perderá sua atualidade. A coleção Explosante reúne livros que procuram as convulsões criadoras. Ela trafega em vários campos de saber e experiência, trazendo autores conhecidos e novos, nacionais e estrangeiros, sempre com o horizonte de que Explosante é o verdadeiro nome do nosso tempo de agora.

TÍTULOS

Petrogrado, Xangai, Alain Badiou
Chamamento ao povo brasileiro, Carlos Marighella
Alienação e liberdade, Frantz Fanon
A sociedade ingovernável, Grégoire Chamayou
Possessão, Monique David-Ménard
Fazer da doença uma arma, SPK

Título original: *Guerres et Capital*

© Éric Alliez, 2018

© Maurizio Lazzarato, 2018

© Ubu Editora, 2020

[CAPA] © David Young / DPA Alliance / Alamy / Foto Arena, 22 de junho de 2019. Policiais se posicionam em frente à escavadeira rotativa em Garzweiler 2 durante manifestação contra o aquecimento global. A Garzweiler é uma mina de linhito (carvão marrom) a céu aberto, na Alemanha, com extensão de 114 km². Em 2013, a empresa que opera a mina, RWE, ganhou na justiça o direito de desapropriar ao menos cinco cidades, inclusive Immerath, uma vila do século XII, para abrir o campo Garzweiler 2. Até 2045, estima-se que 1,3 bilhões de toneladas de carvão sejam extraídas da área e 30 mil pessoas desalojadas. Além das cidades, a área era ocupada pela maior floresta da Renânia do Norte-Vestfália.

[PP. 2-3] © Rahul Talukder / Zuma Wire / Alamy / Fotoarena, 25 de abril de 2013. Fotografia dos destroços do Rana Plaza, prédio de oito andares em Savar, Bangladesh, que colapsou por excesso de peso. A construção, projetada para ser ocupada por lojas e escritórios, foi tomada por um complexo têxtil composto por quatro fábricas de roupas. Mais de mil pessoas morreram e outras duas mil e quinhentas ficaram feridas. No local, eram produzidas roupas para marcas como Benetton, Primark e H&M.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari
ASSISTENTES EDITORIAIS Gabriela Naigeborin,

Isabela Sanches e Júlia Knaipp

REVISÃO DA TRADUÇÃO Bibiana Leme

PREPARAÇÃO Giovana Bomentre

REVISÃO Pedro Taam e Leonardo Ortiz

DESIGN Elaine Ramos

ASSISTENTE DE DESIGN Livia Takemura

PRODUÇÃO GRÁFICA Marina Ambrasas

COMERCIAL Luciana Mazolini

ASSISTENTE COMERCIAL Anna Fournier

GESTÃO SITE / CIRCUITO UBU Beatriz Lourenção

CRIAÇÃO DE CONTEÚDO / CIRCUITO UBU Maria Chiaretti

ASSISTENTE CIRCUITO UBU Walmir Lacerda

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO Júlia França

ATENDIMENTO Jordana Silva e Laís Matias

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

Alliez, Éric [1957-]; Lazzarato, Maurizio [1955-]

Guerras e Capital / Éric Alliez, Maurizio Lazzarato; título original: *Guerres et Capital*; traduzido por Pedro Paulo Pimenta; prefácio de Yasmin Teixeira. São Paulo: Ubu Editora, 2021. / 448 pp. / ISBN 978 65 86497 19 9

1. Capitalismo. 2. Filosofia. 3. Guerra. 4. Financiamento.
I. Alliez, Éric. II. Lazzarato, Maurizio. III. Pimenta, Pedro Paulo. IV. Título.

2021-538

CDD 330.122 CDU 330.342.14

Índice para catálogo sistemático:

1. Capitalismo 330.122
2. Capitalismo 330.342.14



UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 33312275 ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora